

ESCREVER SOBRE O TEMPO ENQUANTO O TEMPO PASSA TO WRITE ABOUT TIME AS TIME GOES BY

Maria Gisele do Nascimento Oliveira¹

Dizem as línguas afiadas que as horas passam mais lentas em tardes quentes de segunda-feira. Foi assim, que enquanto o ponteiro do relógio velho da biblioteca arrastava-se reproduzindo a onomatopeia ansiosa – tictactictactictac –, um ser de rosto pálido e de costas pesadas, folheava um desses manuais de história da língua portuguesa à procura da etimologia da palavra crônica. Queria saber de onde chegara aquele gênero que ocupava jornais e escolas e que conseguia, de forma absurdamente organizada, falar sobre o corriqueiro. Vem do grego Chronos, encontrou. Deus do tempo do relógio, portanto, deus do controle das coisas. O tempo quando cronometrado, pensou, é uma forma de controle em massa. E é sobre essas massas, muitas vezes, que se produzem as crônicas: em ônibus, mercados, pernas no centro correndo contra o ponteiro, repartições públicas; um espaço no tempo reserva uma história para o cronista.

Perguntou-se então se seria capaz de produzir um desses relatos cotidianos. Logo disse pra si mesmo que não. Crônica, pensava, era um gênero destinado aos que tinham talento social, e não era o seu caso. Esse gênero sequer combinava com aquela personalidade, que preferia escrever poemas, daqueles bem melancólicos e arrastados, à lá segunda geração romântica. Quem escreve esse tipo de coisa que sai em jornais, precisa entender e fazer parte da rodagem gigante do cotidiano, sem sentir vontade de descer enjoado de tanto rodar e rodar. Caso oposto ao dele, que sempre nauseado, não acompanhava a roda, pedia pra sentar no banco da praça e abraçava seu desvio crônico que o tirava a motivação de existir sobre e sob a *cinza das horas*. Já nascera derrotado pelo deus dos ponteiros.

Por fim, supôs que cronistas devem ter domínio do tempo cronológico, e ele se deixava levar fácil pelo tempo psicológico dos contos de Clarice e por flashbacks. Não conseguiria escrever uma crônica jamais, removeu. Os pés do cronista estão fincados no chão de um cronômetro imaginário, e a sua cabeça, ao contrário disso, não parava num pensamento só, nem ali acomodado naquele assento empoeirado.

¹ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Foi quando, num tilintar de pensamento, apeteceu que ali sentado na biblioteca, cercado de pilhas de livros mal separados por seções, com seu rosto pálido, ar de desesperança e sua fisionomia de quem é inapto à existir – coisa comum a quem vive a adolescência nos anos 2010 –, até ele poderia servir de massa criadora para uma crônica. Seria sobre pensar em escrever sobre o tempo enquanto o tempo passa. Afinal, *relógios não esperam por ninguém*, e até uma tarde quente de segunda-feira tem fim.